



A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA COMO LOCAL DETERMINANTE PARA A FORMAÇÃO E ASCENSÃO SOCIAL DOS SUJEITOS NA AMAZÔNIA SUL OCIDENTAL PIERRE ANDRÉ GARCIA PIRES

Universidade Federal do Acre/UFAC, pierreufac@gmail.com.

THE IMPORTANCE OF SCHOOL AS A DETERMINING PLACE FOR THE FORMATION AND SOCIAL ASCENSION OF THE SUBJECTS IN THE SOUTH WESTERN AMAZON

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a história de vida dos acadêmicos do curso Pedagogia da Universidade Federal do Acre/UFAC, polo Feijó, no estado do Acre. A proposta parte da necessidade dos acadêmicos do curso de Pedagogia do Programa de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR concluírem sua graduação com a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso-TCC. Diante disso, foram traçados, também, os seguintes objetivos específicos: (I) identificar as formas de contribuição da escola para a formação do sujeito e (II) analisar o processo de ascensão social por meio da escola. Este trabalho traz uma reflexão sobre prática docente e, dessa forma, abre caminho para que outros profissionais vejam a importância dessa metodologia, fazendo uma análise reflexiva sobre: (i) trajetória de formação escolar, (ii) inserção na docência, (iii) experiências e prática na docência e (iv) processo de desenvolvimento profissional, possibilitando a construção de um profissional capaz de lidar com as dificuldades existentes na área educacional. A metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho consiste na pesquisa qualitativa construída a partir dos relatos autobiográficos de dois acadêmicos. Diante disso, neste estudo, são apresentados reflexões, discussões e “desabafos” sobre as histórias de vidas desses sujeitos, confirmando a importância da escola como fator decisivo e emancipatório para a formação e ascensão social.

Palavras – chave: Histórias de vida. Formação docente. Programa de formação de professores.

ABSTRACT

The present work has as objective to study the life history of the academics of the Pedagogy course of the Federal University of Acre / UFAC, Feijó Unit in the state of Acre. The proposal starts from the need of the students of the Pedagogy course of the Basic



Education Teachers' Training Program - PARFOR to complete their course with the presentation of the Bachelor Dissertation. Therefore, the following specific objectives were identified: (I) to identify the contribution of the school to the formation of the subject and (II) to analyze the process of social ascension through the school. This work makes a reflection on the teaching practice, thus opening the way for other professionals to see the importance of this methodology, making a reflexive analysis on: (i) trajectory of school education, (ii) insertion in teaching, (iii) experiences and practice in teaching and (iv) professional development process, enabling the construction of a professional capable of dealing with the difficulties in the educational area. The methodology used for the development of the work consists of the qualitative research constructed from the autobiographical accounts of the authors. Thus, in this study, reflections, discussions and "outbursts" about the authors' personal experiences are presented, confirming the importance of the school as a decisive and emancipatory factor for the formation and social ascension of the subjects.

Key words: Life stories. Teacher training. Teacher training program.

1. JUSTIFICATIVA

Através deste trabalho, buscamos evidenciar a importância da escola como local determinante para a formação e ascensão social dos sujeitos, tendo em vista que os sujeitos da pesquisa são "provas vivas" de que a escola foi fundamental para que saíssem da zona rural, migrassem para a zona urbana e, após a conclusão do Ensino Médio, ingressassem na carreira docente. Assim, entendemos que, narrando como se deram as suas trajetórias de formação escolar, suas histórias de vida e inserção desses profissionais na docência, relatando suas vivências e experiências, fica evidente que a escola continua sendo o lugar ideal para quem busca novos conhecimentos e melhoria de vida. Dessa forma, justificamos que esse assunto traz motivação porque temos a oportunidade de mostrar e, ao mesmo tempo, comprovar que a escola, como entidade de ensino emancipadora, tem a capacidade de formar cidadãos capazes de contribuir diretamente nas ações sociais, através dos relatos autobiográficos.

2. PROBLEMA E OBJETIVO GERAL

Nesse contexto, este trabalho tem como finalidade de estudo a história de vida, a formação escolar e a inserção dos sujeitos na docência, tendo como problema: de que



maneira a escola contribui para a formação e ascensão social dos sujeitos? Com base nesse problema, temos como objetivos específicos: (I) identificar as formas de contribuição da escola para a formação do sujeito e (II) analisar o processo de ascensão social por meio da escola.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Narrar as próprias histórias de vida é mostrar às outras pessoas os sacrifícios e conquistas adquiridas no decorrer de muitas lutas, deixando transparecer mensagens de perseverança, paciência e humildade. É seguir as palavras de Fonseca (2003), quando diz que “das dificuldades encontradas em suas vidas, retiram conselhos, incentivos e lições para os professores que estão no início da carreira” (FONSECA, 2003, p.134). Complementando essa reflexão, a autora diz que:

As narrativas revelam que a vida profissional, de fato justifica as trajetórias. O desejo de transmitir fatos, experiências, dados sobre os trabalhos realizados relevante para todos eles. Percebe-se que cada um prefere frisar aspectos muito próprios de sua existência; aquela que, talvez, sejam considerados mais significativos na construção da sua maneira de ser professor; e, certamente aqueles que consideram mais úteis para as outras pessoas. A motivação para o trabalho de rememorar implica reconhecer uma dimensão utilitária do narrado (FONSECA, 2003, p.133).

Nesse aspecto, a profissão docente possibilita-nos, através das experiências do dia a dia, realizarmos constantes reflexões sobre nossas práticas, uma vez que ainda somos vistos como “espelho” para muita gente. Com isso, nossas ações podem influenciar na maneira de ver o presente e enxergar o futuro como meio de mudança, já que “as narrativas autobiográficas têm como características a análise das situações e experiências vividas” (RODRIGUES e GABRIEL, 2013, p.12).

Assim, são levados em consideração os conhecimentos adquiridos em nosso cotidiano, no convívio com os outros e nos mais variados contextos do dia a dia, enfim somos carregados de princípios próprios. Por isso, cada educador é dotado de saberes diferentes. Logo, concordamos com Vasconcelos (2003) quando diz que a identidade do professor

[...] vai se forjando assim, com múltiplos fios – relações familiares, de classes, condições de gênero, características relativas à idade, etnia, religiosidade, cidadania e outros -, cada um deles matizado de anseios, limites, rupturas e possibilidades (VASCONCELOS, 2003, p. 12).

A autora ainda ressalta que as experiências e trocas de conhecimentos são fundamentais para a nossa formação profissional, já que esses momentos proporcionam



alternativas para socialização das dificuldades, impasses e construção de novas estratégias de ensino a serem aplicadas em sala de aula. Outro fato interessante, do qual muitos não sabem, é que, quando encerramos as aulas, levamos para casa muitas tarefas, e, como algumas tarefas podem ser realizadas em nossas residências, acabam pensando que o nosso trabalho é algo fácil de ser realizado. Contudo, não sabem que passamos horas planejando a aula do dia seguinte, confeccionando materiais, corrigindo e elaborando provas e trabalhos, preenchendo cadernetas e fazendo relatórios. Diante disso, concordamos com Vasconcelos quando afirma que

[...] os professores/professoras, ao encerrarem seu expediente, iniciam uma série de tarefas – preparação de aulas, avaliação de atividades, e muitas outras – que se desenvolvem em um espaço/tempo que não ganha visibilidade, pois é próprio da vida privada (VASCONCELOS, 2003, p. 14).

Sem contar que “para compensar seus baixos salários, os professores/professoras aumentam seu número de horas – aula e dividem seu tempo entre várias escolas de sistemas muitas vezes diversos” (VASCONCELOS, 2003, p.15). Isso significa não ter tempo livre nem nos finais de semana. Contudo, Vasconcelos (2003) evidencia que somos compensados com os momentos de reconhecimentos, afetos, de cumplicidades entre nossos alunos, choros de alegrias a cada encerramento de ano letivo, com cartas e bilhetes carregados de sinceridades e agradecimentos. Só quem já foi professor um dia é quem sabe disso.

Assim, para conseguirmos sucesso na profissão docente temos que por em prática todos os saberes adquiridos desde o ensino básico até a graduação, levando em consideração os encontros pedagógicos e formações continuadas, culminando com as experiências adquiridas na prática, no contexto real da sala de aula. No entanto, “para saber ensinar não basta apenas à experiência e os conhecimentos específicos, mas se fazem necessários os saberes pedagógicos e didáticos” (PIMENTA, 1997, p.9).

Sem isso, a educação fica fragilizada porque, de certa forma, o “professor leigo” passa a realizar uma prestação de serviço para o Estado com o intuito de simplesmente “entreter” os alunos com leituras e longas atividades, uma vez que “ser professor não consiste apenas em ir fisicamente à escola, dar aulas, promover a leitura e ministrar exercícios e tarefas, como ainda pensam muitas pessoas” (IMBERNÓN, 2016, p.46). O autor ainda complementa dizendo:

Ser professor sempre foi uma tarefa trabalhosa e difícil. De fato, a dificuldade está em ser um bom professor ou uma boa professora e em ensinar bem. Embora no



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

imaginário coletivo exista a ideia de que esse é um trabalho simples, que requer pouca habilidade porque se trabalha com crianças ou adolescentes, fáceis de tratar e de convencer, com muitas festas e férias e de trabalho tranqüilo, a verdade é que a educação das crianças sempre foi uma tarefa complexa (e agora é muito mais) (IMBERNÓN, 2016, p.33).

O autor faz uma reflexão acerca das dificuldades enfrentadas na profissão docente que não são vistas ou reconhecidas pela sociedade e do verdadeiro papel do bom professor. Isso significa que não basta apenas se fazer presente na sala de aula, mas ser dotado de conhecimento, compromisso e dinamismo para lidar com as situações enfrentadas no dia a dia do fazer docente.

Pimenta (1997) acrescenta que, na sociedade atual, a figura do professor é de extrema importância para o desenvolvimento do papel de mediação na ação da libertação e cidadania dos educandos. Ela faz uma reflexão sobre a superação das disparidades escolares e sobre a necessidade de buscar novas propostas no que diz respeito à formação de professores. Dessa forma, entende-se que, apesar de sabermos o quanto o campo educacional melhorou em relação às formações acadêmicas, formações continuadas e planejamento, ainda estamos muito longe daquilo que realmente se entende como sendo uma educação de qualidade, fazemos essa comparação em nível de países desenvolvidos que enxergam no ensino o melhor caminho para o crescimento e desenvolvimento de uma nação.

Mediante esses fatos, o sonho de qualquer sujeito que viu seus pais trabalharem tendo como ferramenta de serviço “o terçado¹” e a enxada, almeja um dia vencer na vida conquistando um bom trabalho. Esse trabalho veio a ser concretizado na vida de muitos através profissão de professor que, mesmo não tendo uma valorização digna (ainda) para o que representa a sociedade, foi fundamental para a melhoria da qualidade de vida desses professores e para a construção de uma carreira dentro da educação. Entretanto, começar a trabalhar como professor leigo não é nada fácil, uma vez que, para dar uma boa aula e ser um bom professor não basta apenas estudar os conteúdos a serem ensinados, existem coisas que vão além disso, como por exemplo: conhecer os alunos e a realidade em que estão inseridos, ter liderança, confiança, paciência, de modo a tratá-los com igualdade. Tais ações só são adquiridas com o tempo. Diante disso, Nóvoa (1995) destaca que:

1 Tipo de facão utilizado para roçar.



O início da actividade profissional é, para todos os indivíduos, um período contraditório. Se, por um lado, o ter encontrado um lugar, um espaço na vida activa, corresponde à confirmação da idade adulta, ao reconhecimento do valor da participação pessoal no universo do trabalho, à perspectiva da construção da autonomia, por outro, as estruturas ocupacionais raramente correspondem à identidade vocacional definida nos bancos da escola ou através das diferentes actividades socioculturais, ou modelada pelas expectativas familiares (NÓVOA, 1995, p.162).

Portanto, o autor acrescenta que todos nós passamos por momentos conflitantes na nossa vida, tendo em vista que, quando nos deparamos com a realidade e a responsabilidade de um adulto, passamos a perceber que o mundo do trabalho exige mais do que aquilo que aprendemos na escola, assim, temos que manter o bom senso e focar nos nossos sonhos, buscar alcançar nossos objetivos, pois eles serão a recompensa dos nossos esforços.

4. METODOLOGIA

A presente pesquisa construiu-se a partir dos relatos autobiográficos de dois acadêmicos do curso de Pedagogia do Programa de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR. Nesse sentido, ressaltamos que o tipo de metodologia é a qualitativa. A coleta de dados ocorreu através de relatos autobiográficos, utilizando a técnica de relatos de história de vida. Foram propostos eixos de discussão: (i) trajetória de formação escolar, (ii) inserção na docência, (iii) experiências e prática na docência e (iv) processo de desenvolvimento profissional.

Chizzotti (2008) destaca que a pesquisa qualitativa volta-se para uma afinidade entre o indivíduo e o mundo real, onde o sujeito é parte viva do objeto pesquisado. Dessa forma, o objeto pesquisado passa a ser uma fonte verdadeira do que realmente se passa no contexto da vida prática desse sujeito, a partir daí o pesquisador apresenta-se como parte essencial, buscando alcançar uma compreensão global do problema, para tentar formular estratégias que possam resolver ou minimizar tal necessidade. O autor ainda afirma que:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito (CHIZZOTTI, 2008, p.79).

O método autobiográfico permite-nos escrever sobre a nossa história de vida, sendo possível contar todas as experiências vivenciadas tanto no âmbito escolar quanto



nas vastas situações do dia a dia. Nele, temos espaço garantido para relatarmos e fazermos reflexões a respeito das nossas próprias aprendizagens, possibilitando nosso próprio reconhecimento como sujeito formador de novos conceitos. Josso (2004) é bastante claro afirmando que

Três níveis de análise em profundidade permitem caracterizar as grandes etapas do trabalho biográfico ao longo do processo: evidência do processo de formação, evidência do processo de conhecimento e evidência do processo de aprendizagem (JOSSO, 2004, p.61).

Nesse sentido, os relatos de vida oportunizam-nos fazermos da nossa própria história mecanismo de reflexão capaz de influenciar na tomada de decisão de outros professores, pois a escrita, mesmo voltada para episódios meramente pessoais, consegue estabelecer “uma ação social por meio da qual o indivíduo retotaliza sua trajetória de vida e sua interação com o social” (PASSEGGI; et al. 2006, p. 260). Dessa forma, a ação narrativa do professor é conceituada por Ramos e Gonçalves (1996) como

[...] o texto, o escrito em que o professor faz um relato da sua própria vida, procurando apresentar-nos uma narração seguida de acontecimentos a que confere o estatuto mais importantes, ou interessantes, no âmbito da sua existência enquanto profissional da educação. (RAMOS e GONÇALVES, 1996, p. 127)

As histórias de vida e trajetória de formação escolar dos acadêmicos em destaque são bastante semelhantes, ambos são procedentes da zona rural, filhos de pais analfabetos que viam no campo uma saída para adquirir o sustento da família. Os sujeitos desde cedo tiveram que colaborar nas atividades da casa, mas isso não lhes impediu de ingressarem na escola, entretanto, o trajeto percorrido oferecia-lhes grandes desafios.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1. Trajetória de formação escolar na Educação Básica

Al² não se distancia muito da realidade de tantos outros feijoenses que nasceram nos centros dos seringais, isolados do meio urbano. Nasceu em um desses seringais, Seringal Canadá, no qual os seus pais tinham que trabalhar na produção de látex e na agricultura para proporcionar o sustento da família, e os patrões eram soberanos. Por viverem essa realidade, a de morar na floresta e sobreviver do que ela é capaz de oferecer, os pais de Al não tiveram a oportunidade de estudar. Pensando nisso, a família

2 Os acadêmicos serão identificados por Al e All



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

largou a vida dos seringais para tentar a sorte na cidade, oportunizando o primeiro contato do filho com o mundo da leitura e da escrita. Contudo, as coisas não são tão fáceis assim, acabaram encontrando moradia em uma fazenda localizada próximo da cidade, mas o trajeto de casa até a escola, periferia do município, oferecia muitos desafios.

Al Lembra-se com bastante clareza de sua primeira educadora, uma professora tradicional, sua voz rouca e, ao mesmo tempo, vibrante, tomava conta da sala. Seu principal instrumento de trabalho era a cartilha. Quando ela pegava a mão de Al para fazer o contorno das letras, ele ficava trêmulo, tinha “medo dela”. Nos momentos antes do recreio e da saída da escola ela dizia: “só vai sair quem realizar a leitura”. Não era fácil decorar todas aquelas palavras e pequenos textos sobre o “tatu ou o pato”, por exemplo. Mesmo estudando com professores tradicionais, conseguiu concluir o Ensino Fundamental, agora, tinha que deixar para trás a escola da qual aprendeu a gostar, pois lá já havia construído amizades e, o mais importante, tinha aprendido a ler e a escrever.

Assim, oito anos de trajetória escolar abriram passagem para mais três anos em uma escola de Ensino Médio. Tendo em vista que tinha a necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da casa, passou a frequentar a escola no período noturno. Após três anos de estudo, recebeu o certificado de conclusão do Ensino Médio. Não passava por sua cabeça que seu certificado seria a porta de entrada para o mercado de trabalho: a profissão docente, no ano de 2004. E, assim, ingressou na profissão na qual está até hoje.

Quanto ao acadêmico AlI, nasceu no Seringal Consulta, às margens do Alto Rio Envira, zona rural do município de Feijó. Seu pai trabalhava como vaqueiro da fazenda em que morava, sua mãe era responsável pelo cuidado da casa e ele e os irmãos ajudavam nas tarefas domésticas. Iniciou seus estudos com oito anos de idade na escola localizada no mesmo Seringal em que moravam. Foi onde cursou a 1ª e a 2ª séries do Ensino Fundamental I. A professora tinha sua metodologia centrada em métodos tradicionais e, se os alunos não atingissem os objetivos propostos, eram penalizados com duros castigos. Na 3ª e 4ª séries, mesmo com dificuldades, compreendeu melhor a leitura e a escrita, graças à metodologia de ensino e empenho do novo professor, que permitia o contato com livros, álbuns seriados, produções textuais e brincadeiras na sala de aula.



O Ensino Fundamental II foi iniciado e concluído no centro da cidade de Feijó. All lembra-se de que as normas da escola eram bastante rígidas, o diretor parecia “um general” e os professores tinham que seguir seus regulamentos. Contudo, essa escola era referência em qualidade de ensino dentro do município.

Iniciou o Ensino Médio, onde estudou pouco mais de seis meses, por questões familiares não concluiu os estudos. Após seis anos longe da escola, teve a oportunidade de retornar e concluir o Ensino Médio. Isso foi muito importante para sua realização pessoal e profissional, pois, no ano seguinte, ingressou na docência, trabalhando com alunos de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, prática que realiza até hoje.

Esses episódios mostram-nos que contar as histórias de vidas através de relatos autobiográficos faz-nos refletir sobre a forma como aprendemos e a maneira como ensinamos hoje. As autoras Rodrigues e Gabriel (2013) nessa direção ressaltam que:

Ao escrever sobre fragmentos da sua vida, o professor é capaz de modificar além de sua atuação, como também sua prática pedagógica. A narrativa autobiográfica possibilita a tomada de consciência de grupos que influenciam nas escolhas do sujeito e a identificação da subjetividade das situações vividas (RODRIGUES e GABRIEL, 2013, p.14).

As autoras argumentam que os relatos expressam situações de angústias e descobertas que podem servir de exemplo ou mesmo motivação para outros professores, pois são ocorrências que se passaram em contextos reais do nosso cotidiano. Portanto, “a lembrança da primeira professora, para uma alfabetizadora, faz com que muitos elementos significativos do processo de ser e tornar-se professor sejam recordados e refletidos” (ANTUNES, 2007, p. 84). Diante disso, entendemos que, na condição de educador, devemos proporcionar o nosso melhor para que as ações desenvolvidas em sala de aula possam servir sempre como exemplo a ser seguido pelos nossos educandos, tendo em vista que cada professor deixa marcas positivas ou negativas e isso o aluno nunca esquece.

5.2. O ingresso na docência

Ser professor era uma profissão que não passava pela cabeça de AI, entretanto, quando concluiu o Ensino Médio, seu pai, que tinha bastante influência com o prefeito da cidade, garantiu facilmente um contrato temporário, isso em 2004, com validade de seis meses, para trabalhar com alunos do Ensino Fundamental II. Na época, desenvolveu atividades no programa em evidência no município: o Telecurso, no qual o público alvo



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

eram jovens e adultos e as aulas aconteciam no período noturno para uma turma de 32 alunos. Conseguir o contrato foi fácil, no entanto, quando partiu para a parte pedagógica, as coisas mudaram de cenário.

Não tinha nenhuma experiência em sala de aula, pois concluiu o Ensino Médio no programa de formação integral. Lembra-se de que passou duas semanas estudando e dedicando-se para trabalhar o primeiro dia de aula, contudo, quando se deparou com a sala, onde todos aqueles olhares estavam voltados para ele, esqueceu-se de tudo o que havia planejado. Com isso, a estratégia foi realizar sua apresentação e dos alunos individualmente, e concluiu a aula entregando os materiais didáticos. Al estava muito nervoso.

No dia seguinte, conseguiu interagir melhor com os alunos, escreveu no quadro e explicou o conteúdo. Parece pouco, mas isso significava muito para quem estava iniciando. Enfatiza que um professor foi muito importante para o desenvolvimento da sua prática, como professor regente do período matutino e vespertino da referida escola em que Al trabalhava, o referido professor tirou-lhe muitas dúvidas e o auxiliou bastante no ato de planejar. Assim, Al chegou à conclusão de que ser professor não é tão fácil como imaginava, é preciso estudar, planejar e criar estratégias de ensino que garantam a aprendizagem dos educandos.

Já o primeiro ano de trabalho de Al foi em uma escola situada no Seringal Enjeitado, alto rio Paraná do Ouro, com alunos de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, em uma turma multisseriada, uma classe com vinte e três alunos. O apoio, tanto dos supervisores quanto dos amigos que lecionavam e participavam com ele dos encontros de formação, foi de grande importância para aprimorar a sua prática pedagógica, já que esta se apresentava com muita dificuldade nos momentos em que se encontrava sozinho. No início da carreira docente, sentiu “medo” e “sofrimento” em relação à insegurança quanto a conseguiria dar conta de ensinar seus alunos da forma indicada pelos supervisores, porém, foi se superando a cada dia e, aos poucos, provando para si mesmo que era capaz de exercer esse cargo.

Como vemos, as formas como os dois acadêmicos ingressaram na docência são bastante semelhantes, por isso, concordamos com Veiga, (2010) quando afirma que “o primeiro contato com a escola e com a sala de aula foi permeado pela surpresa, alegria e expectativas” (VEIGA, 2010, p. 184). A autora ainda acrescenta:



[...] foi um tempo de “tateamento”, de “descobertas” e de instabilidade, mas também marcado pelas tentativas de acertos, e também por erros. Enfrentava tensões e conflitos e me preocupava em criar uma imagem de sucesso, uma identidade carregada de credibilidade junto à minha área de atuação (VEIGA, 2010, p.184).

Outra autora que enfatiza bem esse assunto é Jesus (2003), pois em seus textos relata a história de outros professores com realidades parecidas com as dos sujeitos em tela. “Ao narrar seu primeiro dia de aula, a fala de Maria das Graças não soa única, ela ecoa. Ou melhor, sua voz traz ecos de outras vozes [...]” (JESUS, 2003, p.36). A autora complementa reproduzindo a fala de uma de suas pesquisadas, Maria das Graças:

Cheguei a chorar no primeiro dia de aula! Porque... assim... no meu... eu quase não tive estágio, não é? Devido a... ao... que... eu trabalhava durante o dia e estudava à noite, não tinha tempo para o estágio. Eram os meus professores que assinavam para mim. [...] Quer dizer, eu sem nenhuma experiência, sem nenhuma noção. Mesmo porque durante o tempo que a gente estuda, a gente não é preparada pra isso que agente enfrenta na zona rural, não é? Muito diferente! (JESUS, 2003, p. 37).

As histórias dos sujeitos deste estudo, vivenciadas no contexto rural, assemelham-se à história de Maria das Graças, uma vez que começaram a trabalhar como professores leigos, sem experiência nenhuma em sala de aula, pois o curso de formação que fizeram não oferecia estágio.

5.3 O trabalho docente em realização

Al trabalha profissionalmente há doze anos com alunos de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, atuando em diferentes escolas da zona rural e há sete anos com o Programa Asas da Florestania de 6º ao 9º ano, em áreas rurais de difícil acesso. Trabalhou um ano com o Programa Telecurso e dois anos na modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA,) primeiro segmento. Durante esse trajeto, vivenciou e aprendeu que, para evoluir na profissão, é preciso estudar e pesquisar bastante, levando em consideração sempre a realização de um estudo de qualidade, voltado para a realidade e necessidade real dos educandos. Contudo, muitas vezes, vê que os objetivos são frustrados por conta da ausência de políticas públicas que valorizem a profissão docente e que coloquem os alunos como alvo principal, para a mudança da realidade em que vivemos hoje.

All, por sua vez, trabalha na educação com o cargo de docente há cinco anos, em turmas multisseriadas, com alunos de 1º ao 5º ano. Para ele, essa experiência é muito proveitosa e, ao mesmo tempo, gratificante, pois conseguiu aprender bastante, tanto com



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

os alunos quanto com a coordenação de ensino. Agora, pode dizer, com certeza, que tem segurança e quer continuar nessa profissão, uma vez que aprendeu muito nesses cinco anos de trabalho docente. Sente-se mais seguro enquanto educador, porque os saberes adquiridos em sua caminhada proporcionaram-lhe aprender mais para criar e diversificar estratégias de ensino que favoreçam o aprendizado dos alunos, destacando as formações continuadas, encontros pedagógicos e, principalmente, a graduação em Pedagogia, ainda em curso no momento desta pesquisa.

Ambos os sujeitos concordam que exercer a profissão docente não é tarefa fácil, tendo em vista que, por trabalharem em escolas rurais e elas, em sua grande maioria, não contam com uma equipe gestora, acabam por desempenhar o papel de cuidar da escola, de realizar reuniões, fazer merendas, abastecer os filtros com água, limpar o quintal, consertar as carteiras, servir de vigia e ainda precisam se preocupar com o planejamento das aulas e com a qualidade do ensino a ser oferecida a crianças de várias idades, crenças e costumes diferentes. Crianças que estudam no mesmo horário e na mesma sala de aula, sendo que muitas delas chegam à escola com fome, sujas e, às vezes, até doentes.

É aí que entra em cena o professor polivalente, que cuida da parte pedagógica, mas que tem que, quase por obrigação, exercer outras funções, por conta da realidade na qual está inserido. Diante disso, concordamos com Oliveira, (2004) quando afirma que

O professor, diante das variadas funções que a escola pública assume, tem de responder a exigências que estão além de sua formação. Muitas vezes esses profissionais são obrigados a desempenhar funções de agente público, assistente social, enfermeiro, psicólogo, entre outras (OLIVEIRA, 2004, p. 1132).

Desse modo, torna-se evidente que, a cada dia, professores sentem-se enfraquecidos, pois são subordinados a um Estado que não enxerga na figura do professor um ser que está acima de todas as outras profissões, muitas vezes, perdendo o respeito e o prestígio. Basta perceber que, hoje, poucos querem seguir ou mesmo almejam essa profissão por amor, por gostarem de verdade do ato de educar. O que presenciamos constantemente são professores efetivando-se em outros cargos públicos e trocando de função porque os salários oferecidos são melhores.

Embora nossos governantes estejam conscientes dos descasos referentes à profissão docente, fazem a maior mídia engrandecendo o professor, atribuindo-lhe o pseudônimo de “herói”, isso porque conseguem trabalhar com salas de aulas



superlotadas, sem material didático e ainda deixam seus lares e passam meses isolados no meio da floresta, longe da família e do apoio dos coordenadores pedagógicos, que são impedidos de chegar às escolas por falta de recursos. Além disso, temos o dever de conseguir formar indivíduos críticos, capazes de entender e resolver problemas sociais dentro e fora da sua comunidade. Ludke e Boing (2004) discorrem sobre esse assunto enfatizando que:

Os discursos e as expectativas recaem sobre o professor como se este fosse o salvador da pátria, mas, na prática, não são dadas a esse “profissional” as condições necessárias de responder adequadamente ao que se espera dele, como nos ensina Nóvoa em diversas passagens (LUDKE e BOING, 2004, p. 1175).

Os autores acrescentam que o professor ainda está muito distante de tornar-se um ser autônomo, livre do condicionamento do estado, uma vez que é ele quem elabora e dita o que o nosso professorado tem que ensinar; são ideologias dominadoras que enfraquecem o poder de criticidade do público docente que, na grande maioria das vezes, rende-se a esse sistema para poder continuar trabalhando. Em contrapartida, Cavalcante et. al (s/d) ressaltam que,

Apesar de a instituição escolar caracterizar-se como um espaço de repressão e dominação, é importante para os alunos não apenas para a aquisição de conhecimentos, mas também pela rica convivência entre os sujeitos. A escola, em sua essência, é um espaço que propicia o encontro. É lá que os grupos se formam, que os amigos se reencontram, que o processo de trocas culturais se intensifica, enriquecendo as interações” (CAVALCANTE et. al, s//d, p. 60).

Assim, a escola continua sendo o lugar ideal para quem busca adquirir novos conhecimentos e expectativas de melhoria de vida. É nela onde encontraremos a sabedoria e a construção de cidadania enquanto indivíduos sociais. Basta refletirmos sobre as palavras de Pimenta (1997, p.), quando argumenta que: “educar na escola significa, ao mesmo tempo, preparar as crianças e os jovens para se elevarem ao nível da civilização atual – da sua riqueza e dos seus problemas – para aí atuarem”.

Dessa forma, entendemos o quanto a escola é importante na vida de qualquer sujeito, para os sujeitos deste estudo, ela foi primordial para a formação e ascensão social, uma vez que lhes possibilitou a conclusão do Ensino Médio, o emprego de docente e o poder de realizar a graduação em Pedagogia, uma vez que seus pais não teriam condições financeiras de pagar por uma faculdade particular.



7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou discorrer acerca das histórias de vidas, evidenciando a escola como sendo fundamental para a formação e ascensão social dos sujeitos, contribuindo de forma direta para a saída destes da zona rural, para o seu ingresso na profissão docente e para a realização do curso de Pedagogia. Além disso, através deste trabalho, foi possível realizarmos uma reflexão sobre como os professores podem pensar acerca do como aprenderam e do como ensinam seus alunos hoje, uma vez que temos educadores escrevendo para educadores.

De um modo geral, relatar histórias de vidas certamente contribuirá de forma positiva para a reflexão ou mesmo motivação para melhoria da prática pedagógica de outros professores, pois essa narrativa faz menção à realidade de muitos outros docentes que, assim como A1 e A11, enfrentaram ou ainda enfrentam uma vida “dura”, mas que acreditam fielmente que a escola ainda é o melhor lugar para quem busca melhoria de vida. Diante disso, as discussões, desabafos e os pontos de vistas interligados à fala de autores que vivenciaram fatos semelhantes deixaram claro que os objetivos deste estudo foram realmente alcançados.

Assim sendo, a escola exerce um papel grandioso no processo de formação de qualquer indivíduo, já que ela é capaz de fornecer conhecimentos que em casa não são oferecidos. É também na escola onde nos preparamos para o ingresso no competitivo mercado de trabalho. Por isso, somos confrontados a todo o momento com situações e problemas retirados do contexto real, pois os professores são sabedores de que os alunos de hoje serão o futuro de amanhã. Isso significa que, para assumirmos qualquer cargo público, é preciso passar primeiro pela escola.

Enfim, essa reflexão sobre narrativa autobiográfica foi fundamental para compreendermos o quanto a educação pode influenciar na vida dos sujeitos, uma vez que para ambos os sujeitos da pesquisa, foi o principal direcionamento de suas conquistas. Assim, A1 e A11 mostram-se certos de que, de todas as escolhas tomadas até aqui, escolher a escola como forma de investimento pessoal e profissional foi, sem sombra de dúvidas, uma das maiores vitórias de suas vidas, pois acreditam que são capazes de contribuir para a melhoria do ensino, independentemente do lugar e da situação em que estejam inseridos.



REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Helenise Sangoi. Uma possibilidade para refletir sobre as lembranças escolares das alfabetizadoras. **Educação**. Santa Maria. v. 32, nº. 01, 2007, p. 81-96.
- CAVALCANTE, Luciana Matias et. al. As complexas relações no espaço da sala de aula. In: THERRIEN, Jacques e DAMASCENO, Maria Nobre. **Artesões de um outro ofício: múltiplos saberes e práticas no cotidiano escolar**. Fortaleza, Annablume. s/d, p.53-72.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais: da pesquisa qualitativa e coleta de dados qualitativos**. São Paulo: Cortez, 2008.
- FONSECA, Selma Guimarães. O prazer de viver e ensinar história. In: VASCONCELOS, Geni Amélia Nader. (org.) **Como me fiz professora**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.113-149.
- IMBERNÓN, Francisco. **Qualidade do ensino e formação do professorado: uma mudança necessária**. São Paulo: Cortez, 2016.
- JESUS, Regina de Fátima. Sobre alguns caminhos trilhados... ou mares navegados... Hoje, sou professora. In: VASCONCELOS, Geni Amélia Nader. (org.) **Como me fiz Professora**. Rio de Janeiro: DP e A, 2003, p. 21- 41.
- JOSSO, Marie Christine. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- LUDKE, Menga; BOING, Luiz Alberto. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. **Educação & Sociedade**. Campinas, v.25, n. 89, Set./Dez. 2004, p. 1159-1180.
- NÓVOA, António (Org.). **Profissão professor**. Porto, Portugal: Ed. Porto, 1995.
- OLIVEIRA, Dalila Andrade. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 25, n. 89, Set./Dez. 2004, p. 1127-1144.
- PASSEGGI, Maria da Conceição; et al. Formação e pesquisa autobiográfica. In: Sousa, Elizeu Clementino de (org.) **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.
- PIMENTA, Selma Garrido. Formação de Professores: saberes da docência e identidade do Professor. **Nuances**, v.3, set. 1997, p. 5-13.
- RAMOS, Maria Antónia e GONÇALVES, Rosa Edite. As narrativas autobiográficas do professor como estratégia de desenvolvimento e a prática da supervisão. In: ALARCÃO, Isabel. (Org.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Portugal: Porto Editora, 1996.
- RODRIGUES, Hellen Cris de Almeida, GABRIEL, Gilvete Lima **Narrativas autobiográficas e identidade docente: a configuração da experiência formadora por meio do estágio supervisionado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2013. 23 fl.** Disponível em: https://ufr.br/pedagogia/index.php?option=com_phocadownload&view=category&download=107:hellen-cris-de-almeida-rodrigues&id=18:2013-2&Itemid=211. Acesso em: 15 mar. 2017.
- VASCONCELOS, Geni Amélia Nader. Puxando um fio... In: VASCONCELOS, Geni Amélia Nader. (org.) **Como me fiz Professora**. Rio de Janeiro: DP e A, 2003.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Eu, professora: uma narrativa autobiográfica. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v.16, jan/jun. 2010, p. 183-191.